

LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO DAS IGREJAS MODERNISTAS DE PORTO NOVO

Jaine Ott¹

Carine Kaufmann²

Douglas Orestes Franzen³

Resumo

O texto apresenta uma análise arquitetônica de igrejas construídas com arquitetura modernista nos municípios de Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis, com o propósito de analisar os programas arquitetônicos e os traços caracterizantes desse estilo. Notadamente utilizada a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), a arquitetura modernista é o estilo marcante da compreensão contemporânea de arquitetura religiosa.

Introdução

A proposta de levantamento arquitetônico das igrejas com arquitetura modernista de Porto Novo, antiga colônia localizada no extremo oeste de Santa Catarina e que hoje engloba os municípios de Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis, tem por objetivo apresentar um panorama geral dos programas arquitetônicos desse estilo arquitetônico em templos religiosos.

A análise apresenta um levantamento das manifestações arquitetônicas, dos elementos compositivos e dos programas da arquitetura religiosa modernista que se tornou possível a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965). Primeiramente apresenta-se uma análise histórica da relevância desse movimento conciliar como uma abertura à modernidade da Igreja Católica Apostólica Romana e como isso impactou na arte e na arquitetura religiosa.

Na sequência são analisados alguns templos religiosos e apresentados traços marcantes do modernismo e sua manifestação nas edificações e nos espaços que englobam o templo e os elementos simbólicos dos ambientes internos destinados aos rituais do catolicismo pós-Concílio.

¹ Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fai.

² Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fai.

³ Doutor em História, docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Fai.

A arquitetura modernista e o Concílio Vaticano II (1962-1965)

A arquitetura religiosa se destaca na paisagem pela sua dimensão simbólica e patrimonial. Ela é referencial para o contexto do espaço pela sua manifestação arquitetônica e cultural, sendo um registro da ação da sociedade em seu tempo. Nessa dimensão a arquitetura religiosa moderna manifesta uma concepção construtiva que refletiu o processo de abertura do catolicismo aos desafios do contexto histórico de um novo tempo. Nas propostas arquitetônicas modernistas do século XX a arquitetura se prostrou no sentido de valorizar a funcionalidade e a técnica em detrimento de questões estéticas, plásticas, artísticas e ornamentais. No entanto, o que se viu na prática foi a solicitação de se manter um programa simbolicamente voltado para questões poéticas e metafóricas (LIMA JUNIOR, 2016).

A arquitetura moderna representou uma manifestação das demandas contextuais do século XX, do avanço tecnológico e industrial refletido no concreto armado por exemplo, das necessidades do mercado, das possibilidades arquitetônicas advindas da concepção de design, da funcionalidade e de uma linguagem mais racional para o conjunto arquitetônico.

Segundo Lima Júnior:

Do ponto de vista formal, o racionalismo e o funcionalismo reduzem a arquitetura a seus elementos essenciais, organizando-se basicamente através de uma retícula horizontal e outra vertical, que proporciona uma composição simples e clara, repudiando o ornamento e suas atribuições simbólicas. A ênfase recai sobre a abstração da forma, manifesta nas estruturas, nos elementos e formas geométricas puras. (LIMA JUNIOR, 2016, p. 21)

Para compreensão da especificidade do nosso objeto de estudo é preciso compreender a demanda da arquitetura religiosa moderna a partir da realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), que reformulou diversos princípios e doutrinas do catolicismo cristão ao contexto da modernidade. Nessa dimensão, o objetivo dessa reformulação visou ressignificar atos litúrgicos como a eucaristia e a participação mais ativa dos fiéis nas celebrações. (MARTINS, 2015)

O documento conclusivo sobre as práticas da arte e da arquitetura religiosa advindo do Concílio Vaticano II foi a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, mais precisamente o Capítulo VII – A Arte Sacra e as Alfais Litúrgicas. Segundo o documento, a Igreja nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas. Na perspectiva da construção de edifícios sagrados, a Constituição reconheceu que a Igreja aceitou ao longo do tempo na matéria, na forma e na ornamentação as mudanças que o progresso técnico foi introduzindo. Resumidamente, através dessa afirmação, passou a ser permitida a manifestação da arquitetura moderna em templos católicos, até então marcadamente mais historicista através dos estilos góticos, românico e classicista. O movimento moderno que já estava consolidada na arquitetura civil, passou a se manifestar nos templos religiosos a partir da década de 1960. Importante destacar de que a Igreja não negou os movimentos anteriores e muito menos orientou a não mais utilizá-los como manifestação arquitetônica, mas sim, permitindo-se a partir de então um novo estilo arquitetônico para a construção de templos católico-cristãos.

Conforme Martins (2015), a arquitetura religiosa modernista se caracteriza de maneira geral por uma ruptura formal, material e programática com fortes traços de uma arquitetura racionalista.

Geralmente são construções de alvenaria, com estrutura e lajes em concreto, a forma seria cada vez reduzida a volumes geométricos, mais abstratos e elementares. Os materiais como o vidro, ferro e compensados de madeira substituiriam grossas e pesadas paredes. A busca por uma relação entre interior e exterior através dos panos de vidro seria explorado nos partidos cada vez mais fluidos (MARTINS, 2015, p. 153).

No ambiente interno é preciso destacar a preocupação com a planta livre no sentido de proporcionar uma ambientação mais unificada para os fiéis, no sentido de promover um ambiente mais singular e aproximar os fiéis do altar. A planta circular favorece a compreensão de que não há diferenciação espacial dentro do templo, aspecto que fortalece princípios cristãos de igualdade e comunhão, elemento muito representativo no contexto do Concílio Vaticano II. (MARTINS, 2015)

A planta circular foi utilizada em variados momentos da história da arquitetura, como manifestação simbólica e ritualística, tendo muita aceitação em templos religiosos desde a antiguidade. Para o catolicismo, a forma circular também possui um valor simbólico significativo, desde a liturgia com o ritual da hóstia sagrada que simboliza o Corpo de Deus, até o conjunto da Santíssima Trindade, formado por três círculos que se intersectam. (LAPA, 2015). A circularidade remete a um valor de unidade, onde a disposição dos fiéis congrega o sentimento de partilha comum aproximando o altar do conjunto.

Sinteticamente, as características básicas do programa da arquitetura moderna das igrejas construídas a partir de 1960 em Porto Novo adotaram plantas geralmente circulares e mais horizontalizadas, com menor decoro e ornamento, maior funcionalidade, utilização de aberturas e vitrais policromados para proporcionar maior luminosidade interior e principalmente formas e conjugações mais simples no partido arquitetônico. Estruturalmente o concreto armado permitiu composições novas no edifício, o telhado platibanda passou a ser adotado o que proporcionou menor monumentalidade e verticalidade como um traço marcante.

Dessa forma podemos caracterizar esses templos como modernos e ecléticos, destacando como exemplares as igrejas São José de Linha Sede Capela, Santíssima Trindade de Tunápolis, São Gabriel de Linha Ervalzinho, São Bonifácio de Linha Presidente Becker, Santo Antônio de Linha Santo Antônio e São Francisco Xavier de Linha Pitangueira. Obviamente que há muito mais exemplares de arquitetura modernista e eclética na região de Porto Novo. Praticamente todas as capelas de menor proporção das comunidades do interior possuem esse padrão arquitetônico, expressando uma simplicidade compositiva. Para fins de análise foram selecionadas algumas.

Igreja Matriz da Paróquia Santíssima Trindade, Tunápolis-SC

A colonização de região de Tunápolis iniciou por volta do ano de 1951 sendo a última fronteira da colonização Porto Novo a ser povoada e colonizada. Conhecida como vila Tunas, a paróquia foi criada em 1970 tendo a Santíssima Trindade como

padroeira. A primeira igreja-escola (*Schulkapelle*) da vila foi construída em 1953 toda em madeira e com arquitetura enxaimel.

Em 1963 já se manifestava na comunidade a necessidade de construção de uma nova igreja, sendo realizada naquele mesmo ano uma festa popular com o objetivo de arrecadar recursos financeiros para a construção. No ano seguinte cada família forneceria a contribuição de um valor como forma de angariar capital para a construção, estabelecido no preço de mercado de um suíno. Passaram-se dez anos de esforço comunitário em prol da construção da nova igreja que seria finalizada em 1976.

Em 05 de setembro de 1971 reuniram-se os sócios da comunidade para constituir a comissão que coordenaria a execução da nova igreja. Ficando constituída por Arnaldo Eidt-presidente, Egon Berger-tesoureiro e Waldomiro Frantz-secretário. O projeto da nova igreja foi elaborado por Emílio Benvenuto Zanon⁴, artista autodidata conhecido por conceber obras no campo da arquitetura religiosa, arte vitral e restaurações. Para coordenar a execução da obra e organizar o orçamento foi contrato o mestre de obras Adão Thomas e o Padre Vigário Wunibaldo Steffen para auxiliar na gestão dos recursos financeiros e administrativos.

Por ser artista autodidata o projeto feito por Emílio não apresentava as instalações elétricas, sanitárias e de cobertura, um desafio para a comissão, que após diversas negociações contratou o construtor José Pedro Ott para executar os serviços da cobertura da igreja e seus acabamentos. Assim em maio de 1972 iniciou-se a construção da nova Igreja.

Para a execução da obra foram organizadas 10 equipes de trabalhadores voluntários da comunidade. O projetista ficou responsável por coordenar os trabalhos de edificação das paredes, fundir e colocar os elementos vazados e os vitrais, coordenar a aplicação do contrapiso de tijolos rejuntados e as escadarias de acordo com o projeto. As plantas da mobília da plateia e do altar também foram de autoria de Emílio Zanon. Em Abril de 1974, iniciou-se a colocação do telhado, a obra começava a

⁴ Emílio Benvenuto Zanon (1920-2008) realizou diversos projetos arquitetônicos de igrejas modernistas no Sul do Brasil e também na Argentina e Paraguai, além de trabalhos de arte sacra em vitrais e restaurações. Foi imigrante italiano vivendo em Bento Gonçalves-RS e Guaporé-RS. Em Porto Novo desenvolveu o projeto arquitetônico da igreja de Tunápolis e de Linha Presidente Becker.

tomar forma, mas apenas em 1976 ela foi totalmente finalizada com a colocação do piso e do forro. Em Novembro daquele mesmo ano o Bispo Dom José Gomes benzeu e inaugurou a nova igreja.



Nos anos 2000 foi executada a planta eletrônica da igreja, sendo um dos poucos exemplares de Porto Novo que possui planta elaborada com software, com levantamento e execução projetual executado pela empresa Bordô Engenharia.

A planta no formato ogival proporciona uma unidade do conjunto, conectando de forma mais expressiva o altar com o espaço destinado aos fiéis. Em anexo estão dispostos ambientes como a sacristia, uma pequena capela e salas destinadas á reuniões e depósito.

Na fachada frontal o programa é composto por uma marquise que se conecta com o volume lateral da edificação em justaposição ao volume angular superior. A combinação de formas e volumes é um dos artifícios plásticos da arquitetura moderna. Ao analisar a edificação na sua composição podemos perceber características marcantes da arquitetura moderna. A primeira a destacar é a platibanda na cobertura, aspecto que proporciona uma estética singular para a edificação. O segundo elemento

é a volumetria que alterna planos e superfícies curvas com traços retilíneos e angulares. A volumetria curva é um elemento muito presente na arquitetura modernista, onde a sinuosidade das formas proporciona uma composição peculiar. No adro encontra-se uma réplica da primeira capela da vila e o campanário.

No interior é marcante a planta livre que proporciona uma impressão de unidade espacial. O conjunto proporciona um aspecto marcante da arquitetura modernista através da simplificação e da funcionalidade. Os vitrais refletem uma característica notável da fachada. Externamente, eles formam um mosaico policromático. No interior da igreja a cor dos vidros é refletida para o piso e paredes através da claridade da luz externa.

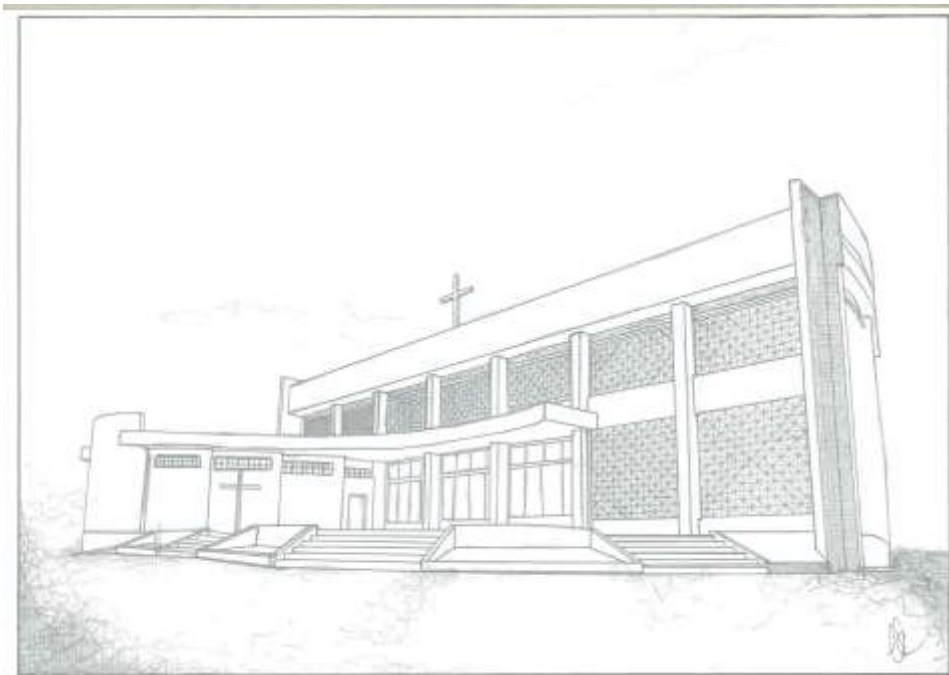


Outro detalhe que é importante destacar são os pilares que sobressaem do volume secundário da edificação. Eles constituem um detalhe marcante na fachada e configuram o ambiente interno; ali foram inseridas janelas tipo basculantes com vitrais

colorido. Os cobogós, empregados na platibanda da cobertura, também são caracterizantes nas fachadas. O cobogó é um elemento muito utilizado na arquitetura modernista brasileira pelo seu potencial de conforto térmico.

O presbitério é formado pelo conjunto do altar, disposto em uma singela elevação e para onde converge a planta ogival, onde estão dispostos o ambão, a mesa celebrativa e o sacrário. No altar também se apresenta uma pintura a óleo na parede representando a Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Em anexo estão dispostos a sacristia e uma pequena capela. A pintura é de autoria de Valcir Santin⁵, especialista na área.

Representação dos traços arquitetônicos



Fonte: Elaborado por Carine Kaufmann

Igreja São Gabriel, Linha Ervalzinho, São João do Oeste-SC

Os primeiros colonizadores da localidade de Linha Ervalzinho chegaram a partir do ano 1926, sendo uma das primeiras frentes de colonização de Porto Novo. A

⁵ Valcir Santin tem seu ateliê estabelecido em Iraceminha-SC, especializado em pinturas e afrescos, executados em sua maioria em igrejas.

primeira missa foi celebrada oficialmente em 1928, tendo como celebrantes os padres Pedro Verhaelen S.J. e Henrique Ofenhitzer S.J.

Já no ano de 1930 a comunidade construiu sua primeira capela, toda em madeira, com o trabalho voluntário das famílias. Essa igreja serviu também de escola nas primeiras décadas. Em 1947 essa pequena igreja foi ampliada. Na década de 1970 já residiam na comunidade muitas famílias e a pequena capela já não comportava mais a demanda. Assim, em 1979 a comunidade inaugurou um novo templo, edificado em arquitetura modernista. Não há informações sobre quem efetuou o projeto e a concepção da edificação. A comunidade também foi uma das primeiras a ter um coral constituído, o coral Santa Cecília, fundado em 1951.



A planta da edificação é semicircular, composto por um vão livre onde estão dispostos os bancos para os fiéis, o presbitério, a sacristia e ao fundo espaços com salas que são utilizadas para as atividades da comunidade.

O templo está localizado num terreno elevado, acessado por uma escadaria, aspecto que proporciona representatividade na paisagem do local. No hall de entrada há uma marquise que se conecta com a cobertura com platibanda, elemento caracterizante da arquitetura modernista. No adro está disposto o campanário edificado em alvenaria. Ao lado está o cemitério comunitário, bem como o clube comunitário e a escola.

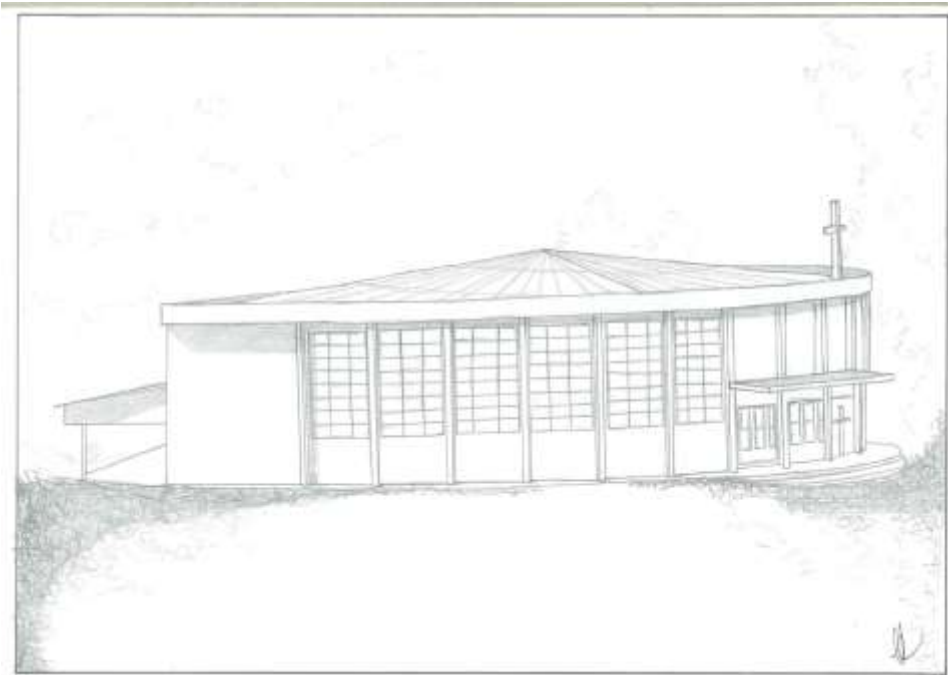


As aberturas são feitas com esquadrias metálicas e as janelas são amplas, vedadas por vidros transparentes sem policromia, aspecto que proporciona muita luminosidade interior. A arquitetura modernista optou por priorizar a leveza das aberturas em relação às paredes vedadas, elemento que a caracteriza. Esta peculiaridade proporciona uma conexão entre o ambiente externo e interno. A pintura atualmente é verde externamente e branca no interior. O forro é em madeira.

O interior apresenta um amplo vão onde estão dispostos os bancos em madeira para os fiéis, sendo que a planta livre proporciona um amplo espaço dando a impressão de um conjunto harmônico valorizando o valor da comunhão e do conjunto, elemento valorizado pela arquitetura modernista, sendo que a impressão que se tem é de que independe do local que o fiel esteja, há a noção de que todos estão na mesma condição perante o altar. A horizontalidade predomina no conjunto arquitetônico.



Representação dos traços arquitetônicos



Fonte: Elaborado por Carine Kaufmann

Igreja São Bonifácio, Linha Presidente Becker, Itapiranga-SC

A comunidade de Linha Presidente Becker foi fundada em Junho de 1934, quando a primeira missa foi celebrada na propriedade da família Schmuck, pelo Pe Teodoro Treis S.J. Essa comunidade teve um peculiaridade no contexto da colonização Porto Novo, por receber um grande número de imigrantes provindos diretamente da Alemanha, principalmente a partir de 1934 (SCHNEIDER, 2019).

A comunidade escolheu como padroeiro São Bonifácio e construiu o centro comunitário em torno de uma igreja em madeira. Em Linha Becker foram construídas duas igrejas em madeira com o padrão construtivo enxaimel. A primeira construída em 1937 acabou sendo destruída por uma tempestade. Após esse episódio foi construída uma nova igreja em madeira, com as mesmas dimensões da primeira, mas com uma estrutura mais reforçada. Na primeira igreja construída a torre sineira fazia parte do volume da nave principal, enquanto que na segunda construção a torre foi anexada à nave central criando uma nova saliência na fachada frontal. A segunda igreja foi construída buscando as características principais da fachada, mas com uma estrutura mais consistente. Em 1972 a comunidade construiu um novo templo, em alvenaria e

com arquitetura marcadamente modernista, com projeto arquitetônico feito Emílio Zanon, o mesmo arquiteto da igreja de Tunápolis.

A arquitetura modernista pode ser percebida no partido arquitetônico através de da horizontalidade da edificação, na cobertura, no formato da planta, nos vitrais coloridos, nas aberturas amplas e do valor formal concedido ao concreto no conjunto da obra. A fachada frontal apresenta os traços da arquitetura modernista religiosa com uma estética redutiva que praticamente não apresenta excessos, extravagâncias ou ornamentos, estimulando a essência de um espaço meditativo e celebrativo.

No adro está o cemitério com túmulos de arquitetura variada, o campanário em concreto que possui dois sinos. Ao lado encontra-se a antiga escola hoje Memorial da Oktoberfest, a sede social e a praça esportiva, que formam o conjunto do núcleo comunitário.





A entrada principal é formada por uma cobertura do telhado em formato “V”, com linhas bem delimitadas, sustentada por pilares e vigas que proporcionam além da sustentação da edificação um efeito estético marcante. Na perspectiva lateral percebe-se a parede que se conecta com a estrutura frontal e separa os ambientes internos do espaço público e da sacristia e salas anexas. No conjunto há a disposição de vários volumes que compõe o edifício. O telhado é formado por platibanda.



Elemento marcante da fachada frontal são os vitrais policromáticos que são um traço marcante da arquitetura modernista, que formam a parede frontal do templo. Junto das grandes portas em alumínio com vidro espelhado, proporcionam leveza e também luminosidade interior. Na parede lateral há pequenas aberturas vedadas com janela no formato maxiar, com formas quadrangulares e triangulares.



O forro em madeira envernizada proporciona uma estética muito expressiva pela composição do telhado no formato V.



No interior do templo os bancos destinados aos fiéis estão dispostos de forma equilibrada e justaposta, passando a impressão de que os fiéis estão equilibradamente distantes do altar, aspecto que é marcante da planta das edificações modernistas, proporcionando a noção de uniformidade e comunhão.



No presbitério encontramos o altar com uma leve elevação, ao lado o espaço do coro para o coral da comunidade. O altar tem o mobiliário em madeira, mas com bastante simplicidade e pouco ornamento ou decoro, formado por pilares de referência clássica encimados por um arquivado, elaborado em gesso. Ao centro a cruz, o sacrário e imagens sacras, com destaque para o padroeiro São Bonifácio. A mesa celebrativa e os ambões são decorados com imagens de videiras, florais e velas.

Apesar do caráter marcadamente modernista, a comunidade ainda preserva o mobiliário das antigas igrejas, como o antigo confessionário e o harmônio, além de inúmeros objetos de arte sacra feitos em madeira pelo carpinteiro Max Kirchmeier⁶.

Representação dos traços arquitetônicos



Fonte: Elaborado por Carine Kaufmann

⁶ Max Kirchmeier é natural da Alemanha e imigrou para o Brasil em 1933. Viveu nas localidades de Linha Chapeu e de Linha Presidente Becker, interior do município de Itapiranga. Foi um exímio carpinteiro e artesão no trabalho da arte em madeira.

Igreja São Francisco Xavier, Linha Pitangueira, Tunápolis-SC

A comunidade de Pitangueira foi fundada em 1953, quando foi rezada a primeira missa na localidade celebrada pelo Padre Beno Beuren S.J. A construção da primeira capela em 1955, toda em madeira foi uma conquista do trabalho comunitário das famílias pioneiras. Essa edificação serviu também de escola nas primeiras décadas de colonização (*Schulkapelle*). Na década de 1960 em virtude do crescimento populacional e do aumento do número de famílias da comunidade católica, foi construída uma nova igreja, também em madeira, mas com dimensões maiores. Essa igreja foi edificada em enxaimel e possuía volumetria e uma arquitetura muito expressiva pelo seu conjunto. Essa igreja foi idealizada por Theobaldo Heck, morador da comunidade e construída com o esforço comunitário a partir de doações e trabalho voluntário prestado pelas famílias.

Em 2008 a comunidade optou por demolir o templo em madeira para a construção de uma nova igreja, toda em alvenaria, composta por uma arquitetura eclética. A fachada frontal é relativamente simples, formada por uma marquise sustentada por pilares. A torre sineira está conectada ao conjunto, sendo os sinos ainda remanescentes da antiga igreja. No cume do coruchéu encontra-se uma cruz confeccionada em metal e vidro.



O acesso ao templo é proporcionado por três portas frontais, feitas em vidro e adesivadas com a imagem do padroeiro São Francisco Xavier. O interior é formado por uma nave única, formada por um amplo vão onde estão dispostos os bancos em madeira.

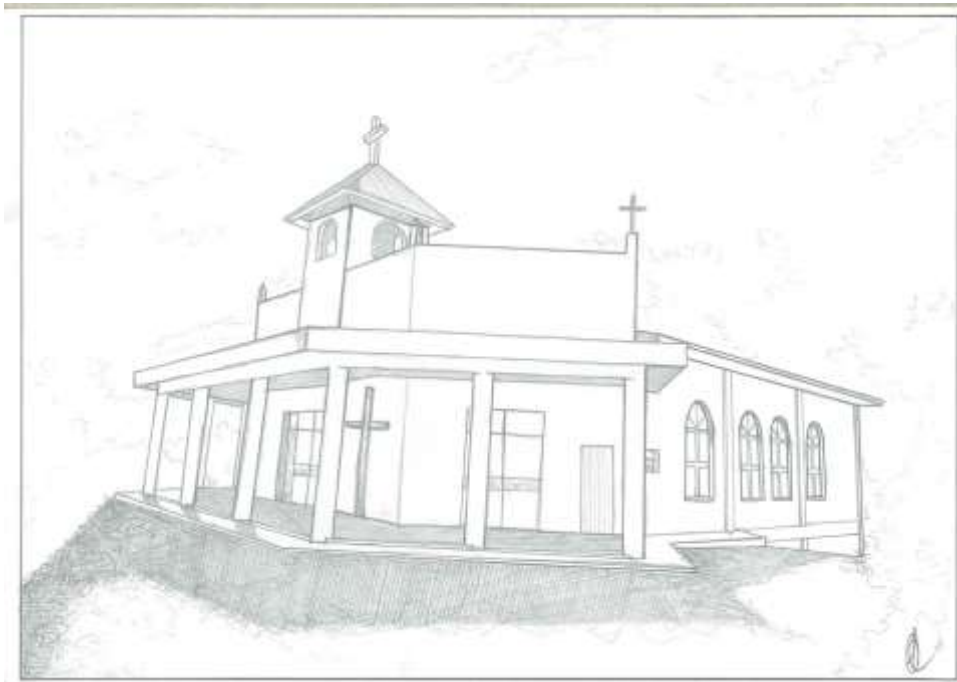


O presbitério é uma demonstração da simplicidade dos padrões modernistas das igrejas contemporâneas, com a ausência de excessos de decoro e ornamento. Os elementos presentes são básicos para a celebração e a liturgia, preservando a funcionalidade e a essencialidade.



A arte sacra presente se destaca pelas esculturas do altar e também pelos quadros da via sacra dispostas nas paredes laterais. Da antiga igreja ainda é preservado o órgão e alguns objetos litúrgicos que são guardados na sacristia.

Representação dos traços arquitetônicos



Fonte: Elaborado por Carine Kaufmann

Considerações Finais

A colonização Porto Novo teve início no ano de 1926 e desde então o templo religioso representa um elemento de referência da paisagem das comunidades e dos núcleos urbanos, como manifestação das tradições religiosas, principalmente do catolicismo. Dessa forma a igreja tem um papel expressivo e simbólico no espaço.

Nas primeiras décadas grande parte das igrejas foram edificadas em madeira e posteriormente a partir da década de 1940 em alvenaria com fortes traços do elemento gótico. No entanto, a partir da década de 1960, com a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965), a arquitetura modernista tem sido preponderante na edificação de templos religiosos católicos.

O levantamento apresentado teve como objetivo apresentar alguns desses templos, visando identificar elementos caracterizantes dessa manifestação arquitetônica e sua relevância patrimonial e simbólica para a paisagem local.

Referências Bibliográficas

LAPA, João David F. **Variações tipológicas da planta circular na arquitetura ocidental.** 208 f. Dissertação de Mestrado da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto, Portugal, 2015.

LIMA JUNIOR, Márcio Antônio. **O traço moderno na arquitetura religiosa paulista.** 368 p. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016,

MARTINS, Jorge A. R. **Arquitetura religiosa após Concílio Vaticano II: adequação do espaço celebrativo ao rito litúrgico – o caso do Alto Minho.** 476 p. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola Superior Gallaecia. Portugal, 2015.